



Armando Corrêa da Silva trabalhou por vários anos no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, de Presidente Prudente. Ele exercia e estimulava o livre pensar. Só que livre pensar não pode ser confundido com falta de método. Depois de elaborar vários textos, de ministrar inúmeras aulas para mestrandos e doutorandos, ele propôs o método que intitulou fenomenologia ontológica sem, no entanto, se afastar da reflexão do pensamento geográfico, mesmo que para isso tenha realizado interlocução com alguns filósofos importantes no século XX, como Lukács e Sartre.

O método tem como fundamento o conhecimento que aponta para a teoria como uma afirmação sobre o real, é uma descrição teórico-prática da categoria e permite elevar o pensamento do abstrato (que seria o nível empírico) ao concreto (que se definiria pela essência do real).

HOMENAGEM AOS QUE SE FORAM

ARMANDO CORRÊA DA SILVA

Ele tinha opinião formada sobre a falta de reflexão filosófica por parte dos geógrafos e se preocupou com a idéia de crise no pensamento geográfico para encaminhar seu pensamento e seus ensinamentos. Ele escreveu, no livro *Espaço fora do lugar: 'O terra-a-terra' dos geógrafos deve explicar-se como determinação de seu objeto e, ao mesmo tempo, como a preocupação mais com o território do que com a região, a área, o lugar e o espaço. Mais com o lugar, tomado isoladamente (idiograficamente) do que com as relações espaciais. A reflexão recente com estas não partiu da reflexão, mas foi determinação externa de um mundo cada vez mais unido pelas telecomunicações, que põem em crise a atomização local, regional e nacional*¹. Ele estava consciente da superação da busca do objeto da Geografia (muito presente no período de hegemonia da Geografia "tradicional" e "teorética") e da necessidade de se incorporar, no temário geográfico, o conceito de território e os avanços tecnológicos que têm, como não poderia deixar de ser, papel importante nas conformações territoriais e na atualização dos conceitos de espaço e região.

Por essas razões, podemos afirmar que ele se antecipa ao seu tempo e deixa margem para diferentes interpretações sobre o que afirmara. Em outras palavras, ele antecipa a preocupação dos geógrafos com o território, antes que esse conceito se torne hegemônico nos últimos anos; ele enfatiza o que já era consenso entre os geógrafos, o conceito de

¹ SILVA, Armando Corrêa da. *O espaço fora do lugar*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 131.

espaço; e lembra os conceitos de região, área e lugar, além de falar do papel das telecomunicações como vetor de transformação do mundo. Mesmo com essa capacidade de antecipação, ele ainda mantém algumas contradições em seu pensamento quando fala em "atomização local, regional e nacional", como se se pudesse tratar de diferentes escalas de abordagem como se fossem escalas geográficas.

De Luckács, ele toma o conceito de práxis, simplificando-o ao seccioná-lo em demonstração teórica (que se refere à consistência do argumento) e demonstração prática (que se refere à verificação empírica). Ele não tinha, como proposta, a pura reflexão abstrata porque se preocupava com os fatos empíricos. Mas, ao invés de incorporá-los ao conceito de práxis, ele secciona esse conceito. Mesmo que sua contribuição seja fundamental para o pensamento geográfico, não devemos adotar essa separação, mas compreender a práxis como um conceito completo que não separa o empírico e o teórico, sob pena de simplificar o que é a práxis (a não ser que estejamos trabalhando com um par dialético).

De Sartre, ele tomou a importância da compreensão do ser. Tendo como partida o real enquanto totalidade do ser, ele admite o nada como elemento do processo de fundamentação do ser que leva à percepção da espacialidade. Partindo do pressuposto de que o nada se conforma na relação entre o ser e a exterioridade imediata, a formação da consciência ocorre quando ocorre a negação do que é exterior ao ser. O exterior, por sua vez, pode ser percebido como fundo e forma que, em consequência, estão presentes na consciência do espaço - este como algo em constituição.

Armando Corrêa da Silva circulou livremente pela ontologia, pela

epistemologia e pela gnosiologia (níveis da produção do conhecimento), lembrando que a intuição é fundamental para a realização do raciocínio que, por sua vez, produz a consciência, não se esquecendo da condição natural do ser humano. Por esse caminho ele chega à teoria do conhecimento e ao papel da linguagem, que se põe na relação entre sujeito e objeto como prática e como teoria.

Ele contribuiu com a discussão do método ao se preocupar com a explicação (como processo de dedução) e a descrição, trabalhando com o movimento do raciocínio entre dedução e indução.

Além do geógrafo-filósofo, ele também era um ser humano de agradável convivência. Ensimismado, bom pianista, amigo dos alunos, quando trabalhava em Presidente Prudente o fazia nas terças e quintas-feiras, mas lá permanecia por uma quinzena. Nos outros dias, reunia-se com mestrandos e doutorandos, visitava os amigos e, mais importante, aproveitava o tempo para refletir e escrever. Como costumava assinar seus textos com a data e o lugar onde era produzido, ele deixou vários textos e apostilas com sua chancela em Presidente Prudente.

Seus textos eram organizados com frases curtas, incisivas e, algumas vezes, polêmicas. Num momento em que assumia a idéia de que tudo se tornou cultural, inclusive o social e o econômico, seus textos eram pequenos, variando de uma a oito páginas, com parágrafos curtos e frases ora incisivas e provocativas, ora conclusivas que não deixavam margens à dúvida ou à especulação. Ele não tinha preocupação com o que os outros pensariam de seus escritos, não por soberba, mas porque defendia e exercitava a capacidade de pensar sobre o método.

Em Presidente Prudente, como professor credenciado no Programa de Pós-Graduação em Geografia, nunca orientou

nenhum aluno, mas por lá esteve regularmente de 1996 a 1999. Permaneceu responsável por sua disciplina, cujo tema era diferente a cada ano, passando por itens como a tecnologia, a comunicação, a pós-modernidade, a cultura e a ideologia. Importante é lembrar que ele concebia a Geografia como a ideologia do cotidiano; esta concepção, acredito, ainda terá que passar por muitos debates. Nas suas palavras, "a Geografia é uma subtotalidade. Ela pode ser identificada, no âmbito do conhecimento, como uma ideologia do cotidiano, expressa pela apreensão da espacialidade do valor relacional contido do real."². A ideologia do cotidiano reafirma a dimensão hodierna do individual, pois o dia-a-dia norteia as decisões indicadas pelo futuro e as decisões abandonadas no passado. A ideologia do cotidiano teria, necessariamente, o caráter de subtotalidade expressa na apreensão da espacialidade. O geográfico, para ele, teria seu significado dado pela particularidade e pela forma porque teria que ser percebido. Enfim, o cotidiano seria o modo como o relacional contido no real se explicitaria na mente, na maneira como a pessoa pensa.

Armando Corrêa da Silva, em sua observação do cotidiano, procurava a acentuação das diferenças pela ação de grupos bem identificados, como as feministas, os pós-marxistas, os homossexuais ou os negros, por exemplo. Ele vai além dos debates marxistas de luta de classes; ele analisa a relação entre massa e lugar, massa e cultura; e massa, autoritarismo e democracia.

A exposição que ora se encerra foi apenas uma rápida exposição de uma

leitura parcial, um pouco distante e muito pessoal da figura e de algumas idéias de Armando Corrêa da Silva. Como ele falava em subtotalidade (a Geografia assim deveria ser definida), eis aqui um exemplo dessa dimensão exatamente pela dificuldade em fazer uma leitura aprofundada (talvez uma exegese?) do que ele produziu.

Mesmo que esta análise seja parcial sobre o que pensou, refletiu e produziu Armando Corrêa, ela fica registrada para que outras pessoas possam contribuir e aprofundar a análise sobre sua obra.

Quero concluir este pequeno texto com as palavras que exprimi em uma homenagem a ele que expus em junho de 2008, no Anfiteatro da Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Naquele momento assumi que, além das conversas nos momentos de discussão de alguma temática na relação orientando-orientador, de troca de idéias entre o colega da USP e o colega da UNESP, foi, também e principalmente, com Armando Corrêa da Silva que eu aprendi a gostar e a valorizar o estudo do método, a necessidade de ler alguns filósofos para, entre outras coisas, valorizar o empírico, não o separando da teoria, mas encarando a *práxis*.

Eliseu Savério Sposito

² SILVA, Armando Corrêa da. *Geografia: modernidade e pós-modernidade*. Presidente Prudente, 1996, p. 99. (Apostila destinada ao curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP, campus de Presidente Prudente)